

CARACTERIZAÇÃO DO PAPEL TEMÁTICO PACIENTE EM PROPRIEDADES SEMÂNTICAS PROTOTÍPICAS E NÃO-PROTOTÍPICAS: ANALISANDO UM *CORPUS* DE PORTUGUÊS ARCAICO

Mariana Fagundes de Oliveira¹
Universidade Estadual de Feira de Santana - PROHPOR

RESUMO

O papel temático Paciente constitui objeto de estudo deste trabalho, cujos objetivos são caracterizá-lo – com base em dados de língua portuguesa, no domínio do predicador verbal, considerando o predicado global e o contexto situacional – em propriedades semânticas prototípicas e não-prototípicas, na perspectiva da Semântica Lexical e numa abordagem representacional ou mentalista, e descrever suas configurações sintáticas em textos de português arcaico. Na bibliografia sobre o assunto, o Paciente recebe definições variáveis, por vezes imprecisas. Neste estudo, é apresentada uma classificação para o Paciente, trabalhando com seis propriedades semânticas: afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção e causa. Desta forma, são propostos três tipos de Paciente: Paciente prototípico, Paciente experienciador e Paciente agentivo, num *continuum* que vai do Paciente mais prototípico ao Paciente menos prototípico.

Palavras-chave: Papéis temáticos. Paciente. Semântica Lexical. Protótipo. Sintaxe. Português arcaico.

INTRODUÇÃO

Abordaremos, neste texto¹, o papel temático Paciente², inicialmente propondo uma caracterização dessa noção em propriedades semânticas prototípicas e não-prototípicas, com base em dados da língua portuguesa. Trata-se de um estudo de Semântica Lexical, numa abordagem representacional ou mentalista, trabalhando com o conceito de prototipicidade segundo Rosch (1973). Por último, apresentaremos dados de Paciente obtidos de um *corpus* de português arcaico, período na história da língua que se estende do século XIII ao século XVI, segundo a periodização tradicional.

¹ Docente do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana/UEFS
Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia/UFBA
Pesquisadora do CE-DOHS (Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão)/UEFS

1 O QUADRO TEÓRICO

A nossa opção é tratar o papel temático Paciente, na perspectiva da Semântica Lexical, caracterizando-o em propriedades semânticas, trabalhando com uma concepção procedimental ou processual do significado, numa abordagem bastante flexível. Para tanto, nos baseamos em Cançado (2003; 2005b), que, por sua vez, se baseia na proposta de Dowty (1989), com a diferença de que, enquanto para este autor papéis temáticos são propriedades não-discretas, agrupadas em dois macro-papéis, ‘Proto-Agent’ e ‘Proto-Pacient’, referentes ao número e à qualidade de propriedades acarretadas que tem cada argumento, classificado como X ou Y, a autora prefere tratar os papéis temáticos como compostos por propriedades discretas.

Para Cançado (2003, p. 99)

O papel temático de um argumento, ou seja, o papel semântico que determinado argumento exerce em uma sentença, é definido como sendo o grupo de propriedades atribuídas a esse argumento a partir dos acarretamentos estabelecidos por toda a proposição em que esse argumento encontra-se.

Baseia-se Cançado, para definir papel temático, tanto na proposta de Dowty (1989), por decompô-los em propriedades semânticas, como na proposta de Franchi (1997), de composicionalidade, por considerar, na atribuição de papéis temáticos e na sua caracterização em propriedades semânticas, os acarretamentos estabelecidos pelo predicado como um todo.

Cançado (2003, p. 102) propõe, depois de analisar, em um processo empírico, a correlação entre as funções sintáticas e semânticas de orações do Português Brasileiro (PB) nas quais se acham os papéis temáticos mais investigados na bibliografia e analisar os acarretamentos destas orações, quatro propriedades semânticas, que são as seguintes:

- a) Desencadeador: ser o desencadeador de um processo.
- b) Afetado: ser afetado por um processo.
- c) Estativo: ser um objeto estativo.
- d) Controle: ter controle sobre um desencadeamento, processo ou estado.

São essas, segundo a autora, as propriedades semânticas fundamentais para o estabelecimento das regras de projeção da semântica na sintaxe, que é o seu propósito teórico, mas não o nosso; por isso não trataremos estas regras aqui.

Entre as propriedades apresentadas por Cançado, lançaremos mão, neste trabalho, para a caracterização do Paciente, das propriedades afetado, desencadeador e controle, deixando de fora, por motivos óbvios, a propriedade estativo, e apresentaremos ainda outras propriedades semânticas que podem fazer parte do Paciente, como a propriedade experienciador.

A formalização na descrição semântica que apresentaremos do papel temático Paciente no domínio do verbo, trabalhando com seus argumentos e adjunções³, é feita, portanto, na perspectiva da Semântica Lexical, baseando-nos em Cançado. Tal formalização passa, numa abordagem representacional ou mentalista, segundo classificação de Chierchia (2003, p. 40-42) – trabalhando com o conceito de prototipicidade segundo Rosch (1973) –, por relações intuitivas; recorreremos, desta forma, não somente a conhecimentos habitualmente chamados linguísticos como também a um conjunto de conhecimentos de ordem lógica, psicológica, sociológica, enfim, numa interpretação que vai além do sistema da língua. Afinal, como afirma Silva (2006, p. 297), o significado linguístico é enciclopédico, intimamente associado ao conhecimento do mundo e, da mesma forma, baseado na experiência e no uso; para o autor “Se o significado é uma conceptualização, então inevitavelmente tem tudo a ver com a experiência humana”. E para Oliveira (1996, p. 345) “uma teoria semântica adequada ao estudo das línguas naturais tem de recorrer às intuições que constituem o núcleo dos dados empíricos relativamente aos quais a teoria semântica deve ser avaliada”. Ainda consoante a autora (1996, p. 344),

Ao fazer Semântica lingüística, é fundamental aprender a desenvolver argumentos semânticos e a explorar intuições semânticas de uma forma sistemática. No entanto, como noutras áreas da Lingüística, pode, por vezes, ocorrer alguma diversidade de juízos entre os falantes de uma língua, mas isso não deve fazer esquecer o facto de que esses juízos estão inter-relacionados.

Segundo Chierchia (2003, p. 40-41), na abordagem representacional ou mentalista, “o significado é essencialmente um modo pelo qual representamos a nós mesmos o conteúdo daquilo que se diz”. E essa idéia pode ser articulada de várias formas, como em termos de imagens mentais. Segundo o autor (2003, p. 41) “a sentenças como *A Mulher Gato come uma ave* corresponde uma pequena cena mental na qual a *Mulher Gato* executa uma certa ação, e assim por diante”. Para Chierchia (2003, p. 41), “é legítimo supor que o significado de uma expressão seja a imagem mental a ela associada”.

Rosch (1973) demonstrou que os falantes tendem a classificar uniformemente, por disporem de protótipos mentais, os exemplares de um certo tipo, com base na sua prototipicidade. É a conhecida teoria dos protótipos de Rosch. Em princípio, por exemplo, nenhum de nós teria dúvida de que um canário é uma ave mais típica do que um pinguim.

O modelo de Rosch – uma maneira de ver os dados que, segundo Kleiber (1990, p. 115-116), constitui incontestavelmente um formidável avanço em Semântica Lexical – concebe os conceitos como estruturados de forma gradual.

Na categorização prototípica, existem graus, enquanto a categorização clássica ou aristotélica permite apenas dois membros, o que está dentro e o que está fora da categoria. As categorias prototípicas são, portanto, flexíveis, podendo acomodar novas categorias, na condição de membros periféricos, a uma categoria protótipo, sem acarretar uma reestruturação fundamental no sistema categorial, assegurando certa estabilidade.

Há, segundo Rosch, um membro típico ou central de uma dada categoria (por exemplo, a categoria AVE) e outros membros menos típicos ou mais periféricos. Como afirma Silva (2006, p. 300), “Uma das conseqüências mais directas da prototipicidade é a própria existência de diferenças de saliência entre os membros de uma categoria”. Assim é que, na categoria AVE, há membros mais centrais ou típicos, como canários, periquitos, papagaios, e outros mais periféricos, como pinguins. Na categoria MAMÍFERO, por exemplo, homens e macacos são elementos mais típicos do que baleias, das quais certas propriedades assemelham-se muito a elementos da categoria PEIXE: vivem na água, têm barbatanas etc. Desta forma, a baleia pode pertencer a duas categorias, mas comumente a associamos à categoria PEIXE, por ela apresentar um maior número de propriedades desta categoria.

Não há dúvida, segundo Chierchia (2003, p. 41), de que “existe um olho da mente”, de que o significado de uma expressão possa ser a imagem mental a ela associada, ainda que, em certos casos, tal associação não esteja clara, e que a imagem mental seja passível de variação. E, segundo Cançado (2005a, p. 93-94), “evidências empíricas sugerem que o significado tem lugar não somente em um nível existente entre o mundo e as palavras, mas também no nível da representação mental.”

Nesta abordagem, nos valeremos também desse ‘olho da mente’, na caracterização, em propriedades semânticas, do Paciente, em protótipos e *continuum*, descrevendo as propriedades semânticas que nos parecem mais típicas ou centrais do Paciente e as

propriedades que lhes são periféricas, num *continuum* que vai do Paciente mais prototípico ao Paciente menos prototípico.

Tratamos aqui o papel temático Paciente como representação mental, sob uma ótica semântica, como Jackendoff (1990), por exemplo; a sintaxe gerativa, por outro lado, prefere tratar os papéis temáticos numa perspectiva puramente estrutural, não considerando seu conteúdo semântico, tão somente a atribuição dos papéis temáticos aos argumentos.

Antes de passarmos à próxima seção, destacaremos aqui um aspecto: assumimos, neste texto, que, se pode ser verdade, como afirma Chafe (1979, p. 97), que, na determinação dos papéis temáticos, “A influência semântica do verbo é dominante, estendendo-se sobre os nomes subordinados que o acompanham” – afinal, como afirma Cançado (2003, p. 102), é possível relacionar as propriedades desencadeador, afetado e estativo às três grandes categorias semânticas, ações/causações, processos e estados, e também, por exemplo, é geralmente com verbos de ação/atividade e de processo que ocorrem o Agente e o Paciente –, é verdade que não é o verbo sozinho que determina as relações temáticas na predicação, mas, tanto no que se refere ao argumento externo como no que se refere ao argumento interno⁴, a composição global do predicado ou a expressão predicadora.

2 UMA PROPOSTA DE CARACTERIZAÇÃO DO PAPEL TEMÁTICO PACIENTE EM PROPRIEDADES SEMÂNTICAS PROTOTÍPICAS E NÃO-PROTOTÍPICAS

As definições apresentadas para o Paciente não são muito precisas na bibliografia consultada; de modo geral, as definições aí apresentadas para os papéis temáticos são variáveis e frequentemente intuitivas, o que não é de estranhar-se, tendo em vista a natureza semântica do fenômeno, o que também pode justificar que, no tratamento dessa questão, a componente formal tenha sempre sido mais desenvolvida do que a componente conceitual. Mas, não por serem noções intuitivas, os papéis temáticos deixam de ter importância nas línguas, pois o seu conteúdo semântico restringe e/ou ordena a estrutura sintática das orações.

Não pretendemos aqui soluções milagrosas, propondo uma caracterização matemática do papel temático Paciente. Também aqui recorreremos à nossa intuição, com base em nossa experiência de viver e atuar no mundo. O que pretendemos é uma abordagem do papel temático Paciente, caracterizando-o em propriedades semânticas prototípicas e não-prototípicas, buscando, com isso, uma melhor compreensão do objeto em questão.

É somente uma a propriedade semântica que nos parece essencial do Paciente: a propriedade afetado, que, segundo Cançado (2005b, p. 34), implica sempre mudança de um estado A para um estado B, podendo, segundo a autora, ser mudança de estado físico, mudança de estado de vida, mudança de estado psicológico, mudança de posses, mudança de lugares, mudanças em geral. Trabalhamos aqui com um conceito mais restritivo de afetamento: para nós a propriedade afetado pode abarcar apenas dois tipos de mudança: mudança de estado físico (que inclui mudança de estado de vida), de natureza concreta, e mudança de estado psicológico, de natureza abstrata.

Quando pensamos na noção de Paciente, pensamos em algo, em um inanimado que sofre mudança de estado físico, mudança de natureza concreta, ou que resulta de uma ação/atividade ou de um processo, sofrendo também mudança de estado físico, como uma casa, que é construída, resultando de uma ação/atividade, ou um milho, que vai crescendo, por exemplo, resultando de um processo. Essa é a imagem que fazemos do Paciente prototípico: algo, um inanimado, inativo, passivo, que muda de estado físico ou resulta de uma ação/atividade ou de um processo.

Eis a formalização que propomos para o Paciente prototípico:

(I) Paciente prototípico → [afetado]

O Paciente prototípico parece ter seu lugar sobretudo em orações transitivas prototípicas, havendo um sujeito Agente intencional e um objeto direto Paciente.

Vejamos, na sequência, orações nas quais se encontram em destaque Pacientes prototípicos:

(1) Maria varreu *o chão*.

CHÃO: Paciente → [afetado]⁵

Função sintática: Objeto direto

Varrer: Verbo transitivo de ação/atividade⁶

Voz verbal: Ativa⁷

(2) João atirou *contra o espelho*.

CONTRA O ESPELHO: Paciente → [afetado]

Função sintática: Objeto oblíquo (passivo)

Atirar: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

(3) João construiu *uma casa*.

CASA: Paciente → [afetado]

Função sintática: Objeto direto

Construir: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

(4) *O milho* cresceu.

MILHO: Paciente → [afetado]

Função sintática: Sujeito

Crescer: Verbo intransitivo de processo

Voz verbal: Ativa

Nas orações de (1) a (3), destacamos argumentos inanimados, concretos, que são afetados pela ação/atividade de um Agente intencional, mudando de estado físico, como em (1) e (2), ou resultando de uma ação/atividade, como em (3). Em (4), o Paciente resulta de um processo, também mudando de estado físico, de um instante a outro. O Paciente, seja inanimado ou animado, quando resulta de um processo, em geral se configura sintaticamente como sujeito.

Nas orações abaixo, os argumentos em destaque são Pacientes, na nossa análise, não-prototípicos, porque são Pacientes animados, que sempre nos parecem ter, na sua constituição, a propriedade experienciador, sofrendo mudança de estado psicológico, de natureza abstrata:

(5) *João* felizmente sarou.

JOÃO: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito

Sarar: Verbo intransitivo de processo

Voz verbal: Ativa

(6) O primo machucou *João*, com a faca.

JOÃO: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Objeto direto

Machucar: Verbo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

Parece-nos possível dizer que todo Paciente animado é sempre experienciador, enquanto os Pacientes inanimados, que consideramos prototípicos, não o são; estes sofrem sempre e apenas afetamento físico, de natureza concreta, não de natureza psicológica, abstrata, como aquele. Vamos propor, então, a seguinte formalização:

(II) Paciente animado → [afetado, experienciador]

Ou seja:

(III) Paciente animado = Paciente não-prototípico

O Paciente animado nem sempre sofre mudança de estado psicológico e de estado físico ao mesmo tempo, como nas orações (5) e (6). É possível que o afetamento seja apenas de natureza psicológica, como na oração abaixo, configurando-se um Paciente ainda menos prototípico, na nossa concepção:

(7) O anúncio de greve na empresa preocupou *João*.

JOÃO: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Objeto direto

Preocupar: Verbo transitivo de processo

Voz verbal: Ativa

Chamamos aos argumentos destacados em (5), (6) e (7) de Pacientes experienciadores, e podemos chamar ainda, mas não é a nossa opção, ao argumento destacado em (7), que sofre apenas mudança de estado psicológico, de Experienciador afetado. Segundo Cançado (1995, p. 114-115), “No sentido estrito do termo, “Experienciador”, portanto, é uma etiqueta que recobre diferentes papéis temáticos, reunidos por terem um traço comum.” O tratamento dos papéis temáticos em propriedades semânticas favorece uma maior flexibilidade na atribuição de papéis temáticos, o que consideramos mais realista e também vantajoso para a descrição.

Em (4) e (5), temos um sujeito Paciente na voz ativa, sendo o verbo de processo. Mas também é possível haver sujeito Paciente na voz ativa, sendo o verbo de ação/atividade, como em:

(8) *Jogador* operou joelho.

JOGADOR: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito

Operar: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

(9) *Maria* cortou o cabelo num bom salão.

MARIA: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito

Cortar: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

Em (8), construção típica do PB, como observa Ilari (2008, p. 132), o *jogador*, na verdade, é afetado, física e psicologicamente, pela ação/atividade expressa pelo verbo *operar*, e o Agente da operação está indeterminado, o que equivale a dizer:

(10) Jogador foi operado do joelho.

E, em relação à oração (9), podemos dizer que *Maria* não cortou o próprio cabelo, mas foi a um bom salão, como desejava, para que alguém o cortasse; *Maria* é Paciente – tendo sofrido mudança de estado físico e psicológico –, não Agente no evento descrito. A oração (9) equivale a:

(11) O cabelo de *Maria* foi cortado num bom salão.

As propriedades desencadeador, controle, intenção e causa – propriedades que consideramos prototípicas do Agente (Cf. OLIVEIRA, 2009) – podem, ocasionalmente, fazer parte do Paciente, um Paciente agentivo, o tipo de Paciente que consideramos o menos prototípico de todos, como nas orações que seguem:

(12) *Maria* recebeu o anel de João.

MARIA: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]

Função sintática: Sujeito

Receber: Verbo transitivo de processo

Voz verbal: Ativa

(13) José presenteou os livros *a João*.

JOÃO: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]

Função sintática: Objeto indireto

Presentear: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

(14) O professor correu *o garoto atrevido* para fora da sala⁸.

GAROTO: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]

Função sintática: Objeto direto

Correr: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

Os Pacientes agentivos ocorrem normalmente com verbos do tipo *dar* ou *receber*, que selecionam um argumento ‘destinatário’.

Em resumo, são essas as propriedades semânticas que propomos para a caracterização do Paciente: afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção e causa, sendo que a primeira delas é a propriedade essencial do Paciente, e a segunda, em se tratando de Paciente animado, está sempre associada à propriedade afetado, como achamos ser verdadeiro. As quatro últimas propriedades aí listadas só participam ocasionalmente da composição do Paciente.

Apresentamos, abaixo, um *continuum* de propriedades na caracterização do Paciente, que vai das propriedades mais prototípicas, à esquerda, às propriedades menos prototípicas, à direita:

(IV) PACIENTE

→

Afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa

.....(+). (-).

Paciente Paciente Paciente agentivo
prototípico experienciador

No ponto em que a propriedade experienciador passa a fazer parte do Paciente, configura-se um Paciente experienciador; o Paciente experienciador, sempre animado, que

muda de estado psicológico, é, na nossa análise, menos prototípico do que o Paciente inanimado, que sofre apenas mudança de estado físico. No ponto em que a propriedade desencadeador passa a fazer parte do Paciente, começa a configurar-se o Paciente menos prototípico de todos, passando pelo controle, intenção, causa, tornando-se um Paciente agentivo, e, na condição de Paciente agentivo, portanto animado, apresenta também a propriedade experienciador. Quanto mais o Paciente apresenta as propriedades à direita do *continuum*, menos prototípico ele é.

Quanto às configurações sintáticas do Paciente, na voz ativa o Paciente é, de acordo com os dados descritos acima, o argumento interno, com função de objeto direto, ou objeto indireto, ou objeto oblíquo (passivo), ou o argumento externo, o que contraria a descrição da Gramática Tradicional (GT), segundo a qual na voz ativa o sujeito é sempre Agente.

O Paciente também pode ser o sujeito de orações na voz passiva, que, segundo Pessoa (1989, p. 220), são bem menos frequentes em textos reais do português do que as orações ativas; as passivas, na verdade, segundo a autora, contrariam a tendência estatística de o Agente ocupar a posição de sujeito da oração⁹:

(15) *O chão* foi varrido por Maria.

Da mesma forma que, em orações com verbo na voz ativa, o sujeito pode não ser Agente, também em orações com verbo na voz passiva, o sujeito pode não ser Paciente, como em:

(16) *Os livros* foram requisitados por João.

em que *os livros* é Objeto Estativo.

O Paciente pode, ainda, ser o sujeito de orações na voz média (dinâmica):

(17) *Maria*, distraída, machucou-se com o alfinete.

O Paciente, da mesma forma, pode ser o sujeito de orações com verbo copulativo:

(18) *Maria* ficou muito ferida no acidente.

Camacho (2002) classifica as construções com verbo copulativo, como (18), como construções de voz adjetival, classificação que adotamos neste trabalho.

Encontra-se o Paciente também em construções ergativas, como resultado do alçamento do objeto Paciente da construção causativa à posição de sujeito, sendo conservada a mesma relação temática com o verbo – a alteração aqui, tal como na construção passiva, efetua-se no nível das funções sintáticas, não semânticas – e não havendo a lexicalização do argumento externo:

(19) *O vaso* quebrou.

Pode o Paciente ser também um adjunto adverbial (comitativo), como, por exemplo, em:

(20) Os lençóis foram lavados *com as blusas*.

O Paciente ocorre, normalmente, com verbos de ação/atividade e com verbos de processo. O sujeito Paciente na voz ativa ocorre, normalmente, com verbos de processo, mas pode ocorrer com verbos de ação/atividade.

O Paciente também pode, ocasionalmente, na função sintática de sujeito ou de objeto direto, ocorrer com verbos de estado, em construções como (21) e (22), abaixo:

(21) *João* aguardou o médico durante muito tempo.

(22) Começou a haver *relâmpagos*, toda noite, na cidade.

Normalmente se acharia estranho que um Paciente ocorra com verbo de estado, já que o Paciente é aquele que é afetado, e afetamento pressupõe mudança, enquanto estado, na conceituação tradicional, não envolve afetamento nem causação, mas condição ou alguma coisa que subsiste. Mas aqui trabalhamos com um conceito diferenciado de estado, que, para nós, pode envolver afetamento, em exemplos como (21) e (22), acima. Na nossa interpretação, parece claro que, em (21), *João* é afetado psicologicamente, um Paciente experienciador, mesmo o verbo sendo de estado. Em (22), *relâmpagos*, que resulta de um processo, é um Paciente prototípico, numa oração em que o verbo principal da locução é o verbo *haver*, um verbo de estado.

A título de exemplo, a versão passiva de (21) mostra que, da mesma forma que há orações passivas sem sujeito Paciente, também pode haver orações passivas com agente da passiva Paciente (por mais estranho que seja dizer agente da passiva Paciente!). Vejamos:

(23) O médico foi aguardado durante muito tempo *por João*.

3 O PACIENTE NO PORTUGUÊS ARCAICO

Os textos selecionados como amostra do período arcaico do português são dos séculos XIV e XVI:

- a) Século XIV: o Prólogo e os capítulos primeiro, segundo e terceiro do Livro I do *Orto do Esposo* (doravante OE) (Cf. MALER, 1956).
- b) Século XVI: o Prólogo, a primeira parte e os capítulos I, II e III da segunda parte do *Livro das obras de Garcia de Resende* (doravante LOGR) (Cf. VERDELHO, 1994).

O século XIV, porque é um século, na história da língua, que se inclui indubitavelmente no português arcaico. O século XVI, porque é quando já vai chegando ao fim o período arcaico da língua portuguesa, comprovadas, a essa altura, uma série de mudanças linguísticas (Cf. MATTOS E SILVA, 1994).

O Paciente prototípico – que definimos como um inanimado que sofre mudança de estado físico, ou afetamento de natureza física, ou que resulta de uma ação/atividade ou de um processo, sofrendo também mudança de estado físico – perfaz, no *corpus*, um total de 33 ocorrências, enquanto o Paciente não-prototípico – que definimos como um animado que sofre mudança de estado psicológico ou afetamento de natureza psicológica, podendo sofrer também mudança de estado físico ou afetamento de natureza física, ou que resulta de uma ação/atividade ou de um processo, sofrendo também afetamento – perfaz um total de 208 ocorrências¹⁰. Contudo, são 241 dados de Paciente depreendidos das amostras dos séculos XIV e XVI.

Começaremos descrevendo dados, coletados do *corpus*, de Paciente prototípico, que apresenta somente a propriedade afetado, que é a propriedade semântica essencial do papel temático Paciente, como discutimos na seção anterior:

(24) E, depois da sua morte (...) tiraron-lhe *o coração* (...) (OE, p. 10, l. 23)

CORAÇOM: Paciente → [afetado]

Função sintática: Objeto direto

Tirar: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

(25) (...) cortava com hũa espada *tres e quatro tochas juntas* (...) (LOGR, p. 142, l. 180-181)

TOCHAS: Paciente → [afetado]

Função sintática: Objeto direto

Cortar: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

O Paciente nas orações a seguir é também Paciente prototípico, mas que resulta de uma ação/atividade ou de um processo:

(26) (...) quero fazer *um breve sumario de sua vida* (...) (LOGR, p. 132, l. 61-p. 133, l. 62)

SUMARIO: Paciente → [afetado]

Função sintática: Objeto direto

Fazer: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

(27) (...) pera a terra fazer *seu fruyto*. (OE, p. 3, l. 15)

FRUYTO: Paciente → [afetado]

Função sintática: Objeto direto

Fazer: Verbo transitivo de processo

Voz verbal: Ativa

Tratando agora o Paciente não-prototípico, que é mais frequente no *corpus*, os dados depreendidos corroboram nossa intuição, formalizada na seção anterior: a de que o Paciente animado apresenta categoricamente a propriedade experienciador, daí podermos também afirmar que o Paciente animado é um Paciente não-prototípico.

Vamos a exemplos do que denominamos de Paciente experienciador, que totalizam 192 ocorrências no *corpus*:

(28) (...) hũũ escolastico leterado, que auia nome Theofilo, escarnecendo *della* (...) (OE, p. 3, l. 27-28)

DELLA: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Objeto oblíquo (passivo)

Escarnecer: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

(29) E atee hidade de trinta e seis annos em que adoeceo (...) (LOGR, p. 143, l. 225-226)

(EL-REY): Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito

Adoecer: Verbo intransitivo de processo

Voz verbal: Ativa

O Paciente em (28), que sofre apenas afetamento de natureza psicológica, sendo um Paciente ainda menos prototípico do que o Paciente em (29), que sofre também afetamento de natureza física, é o mais comum no *corpus* analisado.

O Paciente experienciador, da mesma forma que o paciente prototípico, mas com menor frequência, pode resultar de uma ação/atividade ou de um processo, como está ilustrado abaixo:

(30) (...) lugares hu *Jhesu Christo* naceu, morreu, resurgiu (...) (OE, p. 7, l. 32-33)

JHESU CHRISTO: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito

Nacer: Verbo intransitivo de processo

Voz verbal: Ativa

(31) (...) naquela hora empenhou do principe Dom Joam seu filho, *o qual* pario na muyto nobre e sempre leal cidade de Lixboa (...) (LOGR, p. 149, l. 38-40)

(PRINCIPE): Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Objeto direto

Parir: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

O Paciente experienciador é um dos dois tipos de Paciente não-prototípico, o tipo de Paciente mais comum no *corpus*. O outro tipo de Paciente não-prototípico, o Paciente agentivo, tem baixa representatividade no *corpus* de português arcaico analisado: 16 ocorrências. Vejamos, a seguir, alguns exemplos:

43

(32) E então *Theofilo* tomou as pomas e as rosas (...) (OE, p. 4, l. 7)

THEOFILO: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]

Função sintática: Sujeito

Tomar: Verbo transitivo de processo

Voz verbal: Ativa

(33) O qual doo dava sempre d'esmola a *algum cavaleiro prove* (...) (LOGR, p. 144, l. 265-266)

A ALGUM CAVALEIRO PROVE: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]

Função sintática: Objeto indireto

Dar: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

Em (32), o Paciente agentivo é o sujeito em evento de processo. Em (33), o Paciente agentivo é um objeto indireto, em evento de ação/atividade.

Tendo tratado a caracterização em propriedades semânticas do Paciente no *corpus* de português arcaico, seguimos focando a abordagem em suas configurações sintáticas.

O Paciente nas amostras do OE e do LOGR analisadas configura-se sintaticamente como sujeito, objeto direto, objeto indireto e objeto oblíquo (passivo), como já demos exemplos aqui, e ainda como agente da passiva e adjunto adverbial (comitativo), como veremos mais ao final desta seção.

O Paciente é 99 vezes o sujeito oracional no *corpus* – é a função sintática mais comum do Paciente no *corpus* –, na maioria das vezes em orações na voz ativa e com verbo de processo. Há apenas duas ocorrências em que o sujeito Paciente ocorre com verbo de estado, na voz ativa, que são as seguintes:

(34) Qual foy aquel *que* esteue em periigos e ã temores e chamou o nome de Jhesu (...) (OE, p. 9, l. 1-2)

QUE: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito

Estar: Verbo transitivo de estado

Voz verbal: Ativa

(35) (...) tardava tanto que era muyto trabalho aos *que* ho aguardavam (...) (OE, p. 144, l. 252-253)

QUE: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito

Aguardar: Verbo transitivo de estado

Voz verbal: Ativa

Não encontramos Paciente com outra função sintática que não a de sujeito ocorrendo com verbo de estado.

Na voz ativa e com verbo de ação/atividade, como nos exemplos (8) e (9), o Paciente não aparece no *corpus*. Orações como (9), entretanto, são muito naturais no português europeu (PE).

Na voz passiva, há 36 ocorrências de sujeito Paciente: 26 ocorrências na voz passiva nominal e 10 na voz passiva pronominal. Começamos apresentando exemplos de sujeito Paciente na voz passiva nominal:

(36) (...) Muyto me prazeria que *eu* seia ferido das bestas que me som aparelhadas (...) (OE, p. 9, l. 35-36)

EU: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito

Ferir: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Passiva nominal

(37) Foy grandemente criado com muyto grande cuydado (...) (LOGR, p. 151, l. 81)

(PRINCIPE): Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito

Criar: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Passiva nominal

Os exemplos seguintes são na voz passiva pronominal:

(38) (...) ca em este liuro achara o rrude co que se ensine (...) (OE, p. 2, l. 36-37)

(ELLE): Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito

Ensinar: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Passiva pronominal

(39) (...) na mayor força das festas do casamento do principe seu filho se faziam com mais diligencia *as torres e cava de Olivença e outras fortalezas do estremo*. (LOGR, p. 142, l. 169-171)

TORRES, CAVA E FORTALEZAS: Paciente → [afetado]

Função sintática: Sujeito

Fazer: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Passiva pronominal

Não encontramos, na pesquisa, casos de passiva pronominal com sujeito Paciente nos quais não haja concordância entre o verbo e o substantivo; nestes casos, sempre que o substantivo está no plural, como em (39), o verbo está flexionado na terceira pessoa do plural, em concordância com ele. Encontramos, entretanto, na amostra do LOGR, do século XVI, um exemplo de passiva pronominal sem sujeito Paciente em que o verbo não concorda com seu sujeito composto:

(40) E em hũa boeta de que elle tinha a chave *se achou* depois de sua morte *hum confissionayro, e hũas deceprinas, e hum aspero celicio* (...) (LOGR, p. 144, l. 255-257)

Esse é um exemplo de reanálise do *se* passivador como *se* indeterminador, reanálise que vai surgindo na língua, no século XVI, de acordo com Naro (1968), e nela se espraia até dela desaparecer a passiva pronominal, que dá lugar a uma construção ativa de sujeito indeterminado.

Aproveitamos para apresentar aqui os seguintes exemplos de voz passiva nominal sem sujeito Paciente, os quais encontramos na amostra do OE:

(41) Bem asy, se birmos que as graças do Senhor Jhesu Christo som ãbargadas pellos nossos desmericimêtos (...) (OE, p. 3, l. 16-17)

(42) E porem o seu nome glorioso deue seer chamado ã começo de toda boa obra (OE, p. 5, l. 12-13)

Não encontramos, na amostra selecionada do OE e do LOGR, exemplo de sujeito Paciente em construção de *ser* mais particípio passado de verbo intransitivo ou transitivo oblíquo; todavia, pesquisando mais algumas linhas das referidas obras, encontramos, no OE, dois exemplos desta construção que trazem sujeito Paciente, que são:

(43) E *os caualeyros* foram logo tornados aa vida (...) (OE, p. 38, l. 33-34)

CAVALEYROS: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito

Tornar: Verbo transitivo de processo

Voz verbal: Passiva nominal

(44) Depois que *Ysidoro* foy creçudo, tomou cuydado delle Sam Leandro (...) (OE, p. 49, l. 30-31)

YSIDORO: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito

Crecer: Verbo intransitivo de processo

Voz verbal: Passiva nominal

Além de apresentar-se na voz ativa e na voz passiva, o sujeito Paciente aparece também na voz média (dinâmica):

(45) (...) marauilhando-sse muyto como se via assy mudado (...) (OE, p. 6, l. 34-35)

(FILOSAPHO): Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito

Marauilhar-sse: Verbo transitivo de processo

Voz verbal: Média (dinâmica)

(46) (...) depoy de sua morte se enfadaram de ho ser (...) (LOGR, p. 140, l. 100)

(YPOCHRITAS): Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito

Enfadar-se: Verbo transitivo de processo

Voz verbal: Média (dinâmica)

Há, ainda, no *corpus* de português arcaico, sujeito Paciente na voz adjetival, como ilustramos a seguir:

(47) (...) quero seer muudo cõ os dentes das bestas brauas (...) (OE, p. 10, l. 8-9)

(EU): Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito

Seer: Verbo copulativo de processo

Voz verbal: Adjetival

(48) (...) *os homens* ficavam com grande contentamento (...) (LOGR, p. 143, l. 212-213)

HOMENS: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito

Ficar: Verbo copulativo de processo

Voz verbal: Adjetival

O sujeito Paciente na voz adjetival ocorre mais frequentemente com o verbo *ficar*, como em (48), mas também ocorre, como em (47), com o verbo *ser* de mudança de estado, que já não usamos hoje, mas que era empregado no passado da língua.

Os vários exemplos, no *corpus*, de sujeito Paciente em outras vozes verbais que não a passiva – na voz ativa, em primeiro lugar, mas também na voz média (dinâmica) e na voz adjetival – contrariam a GT, que defende que o lugar do sujeito Paciente é na voz passiva. Podemos ver, nos exemplos que aqui apresentamos do período arcaico da língua portuguesa, que o sujeito Paciente passeia, por assim dizer, numa diversidade de vozes verbais, não sendo exclusivo, portanto, da voz passiva, o que põe em perspectiva a autonomia entre a sintaxe e a semântica.

Além de apresentar-se na voz ativa, na voz passiva, na voz média (dinâmica) e na voz adjetival, o sujeito Paciente apresenta-se ainda no *corpus* de português arcaico, em construções ergativas. Encontramos duas construções ergativas com sujeito Paciente no

corpus, que são as seguintes, a primeira identificada na amostra do OE e a segunda, na amostra do LOGR:

(49) (...) em algũũs tenpos *esta fonte çara-se* (...) (OE, p. 3, l. 11-12)

FONTE: Paciente → [afetado]

Função sintática: Sujeito

Çarar-se: Verbo transitivo de processo

Voz verbal: Média (dinâmica)

Construção ergativa

(50) Ha rainha tinha em hum anel hũa esmeralda de muito preço que muito estimava, *a qual* per esquecimento nam tirou do dedo e se lhe quebrou em pedaços. (LOGR, p. 149, l. 30-33)

(ESMERALDA): Paciente → [afetado]

Função sintática: Sujeito

Quebrar-se: Verbo transitivo de processo

Voz verbal: Média (dinâmica)

Construção ergativa

As duas construções ergativas são com marca morfológica, na voz média (dinâmica), sob a forma de pseudo-reflexivos. A causa externa dos eventos em (49) e (50) não é depreensível do contexto.

Os exemplos a seguir são de construções ergativas, mas sem sujeito Paciente:

(51) E a sancta uirgem foy degolada e *acabou seu marteyro*. (OE, p. 3, l. 37-p. 4, l. 1)

(52) (...) e o sancto lhe disse ante que *começasse a disputaçom* (...) (OE, p. 6, l. 11-12)

As versões causativas de (51) e (52) são (53) e (54), respectivamente:

(53) E a sancta uirgem foy degolada e *os homens acabaram seu marteyro*.

(54) (...) e o sancto lhe disse que ante que *elle e o filosapho comessem a disputaçom* (...)

Já tendo apresentado aqui exemplos de Paciente como sujeito, objeto direto, objeto indireto e objeto oblíquo (passivo), passaremos agora a apresentar os dois exemplos de Paciente sob a configuração sintática de agente da passiva e os dois exemplos de Paciente sob a configuração sintática de adjunto adverbial (comitativo):

(55) (...) deuota oraçõ que cante ante el e seia recibuda *por nos* (...) (OE, p. 3, l. 18-19)

POR NOS: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Agente da passiva

Receber: Verbo transitivo de processo

Voz verbal: Passiva nominal

(56) E depouys de sua morte foy *de todos em geeral* muy chorado (...) (LOGR, p. 139, l. 85-86)

DE TODOS EM GEERAL: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Agente da passiva

Chorar: Verbo transitivo de processo

Voz verbal: Passiva nominal

Os dois seguintes são os exemplos de adjunto adverbial (comitativo) Paciente encontrados no *corpus*:

(57) E degolarõ-no *con os outros* (...) (LOGR, p. 4, l. 34)

CON OS OUTROS: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Adjunto adverbial (comitativo)

Degolar: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

(58) (...) moços bem ensinados pera se criarem *com elle* (...) (LOGR, p. 151, l. 86)

COM ELLE: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Adjunto adverbial (comitativo)

Criar: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Passiva pronominal

E, para terminar os exemplos de Paciente, transcrevemos, na sequência, um exemplo de Paciente em contexto metafórico que encontramos no LOGR e que julgamos interessante para citar aqui:

(59) (...) ganhava com isso os corações de seus povos. (LOGR, p. 143, l. 213)

(EL-REY): Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito

Ganhar: Verbo transitivo de processo

Voz verbal: Ativa

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos do *corpus* de português arcaico, constituído de textos do século XIV, o OE, e do século XVI, o LOGR, foram apresentados aqui conjuntamente, por não termos encontrado diferenças relevantes entre os resultados obtidos do século XIV, de um lado, e do século XVI, de outro, que justificassem apresentá-los separadamente. Quanto à caracterização semântica do Paciente, não esperávamos encontrar alguma mudança, já que é possível, como observam Campos e Xavier (1991: 94), que os papéis temáticos sejam universais, e também Miotto, Silva e Lopes (2005: 125) afirmam que “Enquanto as informações categoriais de um argumento podem estar em variação, as semânticas parecem ser universais, ontológicas.” Tanto no OE como no LOGR, encontramos exemplos de Paciente prototípico, de Paciente experienciador e de Paciente agentivo. Em relação às configurações sintáticas do Paciente, elas se apresentaram de forma similar tanto no OE como no LOGR.

NOTAS

¹ Este texto é parte de um dos capítulos de nossa Tese de Doutorado, intitulada *O Agente e o Paciente em língua portuguesa: caracterização em propriedades semânticas e estudo diacrônico* (OLIVEIRA, 2009). A Tese foi orientada pelas Professoras Doutoras Rosa Virgínia Mattos e Silva, da Universidade Federal da Bahia, e Ana Maria Martins, da Universidade de Lisboa, às quais, mais uma vez, fazemos públicos nossos agradecimentos.

² Destacamos sempre com inicial maiúscula o nome do papel temático Paciente, com o propósito de evitar confusão entre o que chamamos de papel temático, por um lado, e de propriedades semânticas – cujos nomes iniciam-se com minúscula –, que compõem os papéis temáticos, por outro.

³ Cançado (2008, p. 7) defende que “os argumentos de um verbo são todos os argumentos acarretados lexicalmente por esse verbo. Independentemente se alguns desses se projetam na sintaxe em posição de complemento ou adjunto”. A autora dissocia, desta forma, as noções de argumento e complemento, trabalhando,

portanto, com uma noção estritamente semântica de argumento. Para Cançado, argumento é uma noção estritamente semântica, enquanto complemento e adjunto são noções estruturais. Neste trabalho, haja vista os nossos objetivos, seguimos a orientação comum na bibliografia de associar argumentos a complementos, diferenciando-os de adjuntos, apesar de Cançado afirmar que se trata apenas de uma diferença estrutural, só uma questão de posição, que não tem relação com a seleção semântica. Mas é importante neste trabalho, na descrição das configurações sintáticas do Paciente, diferenciar complementos de adjuntos e ambos de sujeito; é importante classificar, na análise dos dados de Paciente, os constituintes que desempenham a função sintática de sujeito (argumento externo), de objeto/complemento (argumento interno), de agente da passiva – que é, segundo Miotto, Silva e Lopes (2005, p. 164), uma adjunção do verbo, realizada como complemento da preposição *por* ou *de* – e de adjunto adverbial (comitativo).

⁴ Segundo Raposo (1992, p. 288), entretanto, a marcação temática dos argumentos externos é feita pelo VP, mas a marcação temática dos argumentos internos é feita exclusivamente pelos verbos. Em “João leu o livro como se acariciasse uma criança”, todavia, a composição *leu o livro como se acariciasse uma criança* atribui ao argumento interno *livro* o papel temático Objeto Estativo, enquanto, em “João leu várias vezes este livro que lhe dei”, a composição *leu várias vezes este livro que lhe dei* atribui a *livro* o papel temático Paciente, por mudar de estado físico, tendo João folheado várias vezes o livro.

⁵ Em caso de o Paciente ser um sintagma nominal, repetimos, para análise, apenas o núcleo do sintagma. Em caso de o Paciente ser um sintagma preposicional, recortamos o sintagma, para análise, a partir da preposição.

⁶ Adotamos aqui a classificação semântica dos verbos proposta por Neves (2000).

⁷ A voz verbal, neste trabalho, é classificada segundo a Gramática Tradicional (GT); fazemos, entretanto, diferença no caso de verbos com *se*, entre voz reflexiva e voz média (dinâmica) e classificamos, seguindo Camacho (2002), orações com verbo de ligação ou copulativo como orações de voz adjetival. Optamos por classificar, por exemplo, uma oração como “João perdeu todo o ódio” ou como “Maria engordou alguma coisa” como oração na voz ativa, conforme classificação da GT, para mostrar que, mesmo na chamada voz ativa, há sujeito Paciente, haja vista que *perder* e *engordar* são verbos de processo.

⁸ Segundo Cançado (2005b, p. 30), orações como (14) e como “A mãe casou a filha bem” ou “O pai estudou todos os filhos até a faculdade” são comuns no PB coloquial. De acordo com a autora, “A *professor, mãe e pai* pode-se atribuir o seguinte papel temático: tem controle sobre a ação, desencadeia um processo, etc.. A *garoto, filha e filhos* seria atribuído o seguinte papel temático: desencadeia um processo, é afetado por uma ação, etc.”.

⁹ Quanto às passivas sintéticas ou pronominais apresentadas pela GT, como, por exemplo, *Vende-se uma casa*, *Vendem-se casas*, admitimos, com Naro (1968), sua legitimidade no Português Arcaico, mas, no português contemporâneo, concordando com Scherre (1999), entre outros, descrevemos a construção classificada pela GT como passiva sintética ou pronominal como uma estrutura ativa de sujeito indeterminado.

¹⁰ Na nossa pesquisa de doutorado, o Paciente experienciador e o Agente afetado – ambos não-prototípicos – foram os mais recorrentes tanto no *corpus* de português arcaico como nos *corpora* de PE contemporâneo oral e escrito analisados. Esse resultado demonstra que nem sempre o mais prototípico é também o mais frequente, sendo possível dissociar prototipicidade de frequência de uso.

REFERÊNCIAS

- CAMACHO, Roberto Gomes. Construções de voz. In: ABAURRE, Maria Bernadete; RODRIGUES, Ângela (Org.). *Gramática do português falado. Volume 8: Novos estudos descritivos*. Campinas: UNICAMP, 2002. p. 227-316.
- CAMPOS, Henriqueta Costa; Xavier, Maria Francisca. *Sintaxe e semântica do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- CANÇADO, Márcia. *Verbos psicológicos: a relevância dos papéis temáticos vistos sob a ótica de uma semântica representacional*. Tese de Doutorado em Linguística. UNICAMP, Campinas, 1995.
- CANÇADO, Márcia. Um estatuto teórico para os papéis temáticos. In: MÜLLER, Ana Lúcia; NEGRÃO, Esmeraldo; FOLTRAN, Maria José (Org.). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 95-124

- CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005a.
- CANÇADO, Márcia. Posições argumentais e propriedades semânticas. *D.E.L.T.A.*, v. 21, n. 1, 2005b. p. 23-56.
- CANÇADO, Márcia. *Argumentos: complementos e adjuntos*. Disponível em: <www.lettras.ufmg.br/nupes>. Acesso em: 8 jul 2008.
- CHAFE, Wallace. *Significado e estrutura lingüística*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.
- CHIERCHIA, Genaro. *Semântica*. Campinas/Londrina: UNICAMP/Eduel, 2003.
- DOWTY, David. On the semantic content of the notion of Thematic Role. In: Chierchia, Partee e Turner (Ed.). *Properties, types and meaning. Studies in Linguistic and Philosophy*, 2: Semantic Issues. Dordrecht: Kluwer, 1989. p. 69-129.
- FRANCHI, Carlos. Predicação. Manuscrito publicado em Cançado, Márcia (Org.). Predicação, relações semânticas e papéis temáticos: Anotações de Carlos Franchi. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 11, n. 2, 1997. p. 17-81.
- ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- JACKENDOFF, Ray. *Semantic structures*. Cambridge: MIT Press, 1990.
- KLEIBER, Georges. *La sémantique du prototype: catégories et sens lexical*. Paris: Puf, 1990.
- MALER, Bertil. (Ed.). *Orto do Esposo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956.
- MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos. *Novo manual de sintaxe*. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.
- NARO, Anthony Julius. *History of portuguese passives and impersonals*. Tese de Doutorado em Linguística. Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts, 1968.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- OLIVEIRA, Fátima. Semântica. In: FARIA, Isabel Hub; PEDRO, Emília Ribeiro; DUARTE, Inês; GOUVEIA, Carlos (Org.). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. 2 ed. Lisboa: Caminho, 1996. p. 333-379.
- OLIVEIRA, Mariana Fagundes de. *O Agente e o Paciente em língua portuguesa: caracterização em propriedades semânticas e estudo diacrônico*. Tese de Doutorado em Linguística. UFBA, Salvador, 2009.
- PESSOA, Maria Angélica Furtado Cunha. *A passiva no discurso*. Tese de Doutorado em Linguística. UFRJ, Rio de Janeiro, 1989.
- RAPOSO, Eduardo Paiva. *Teoria da gramática. A Faculdade da linguagem*. 2 ed. Lisboa: Caminho, 1992.
- ROSCH, Eleonor. Natural categories. *Cognitive Psychology*, v. 4, 1973. p. 328-359.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. Preconceito lingüístico: doa-se lindos filhotes de Poodle. In: HORA, Demerval da; CHRISTIANO, Elisabeth (Org.). *Estudos lingüísticos: realidade brasileira*. João Pessoa: Idéia, 1999. p. 13-54.
- SILVA, Augusto Soares da. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.
- VERDELHO, Evelina. (Ed.). *Livro das Obras de Garcia de Resende*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.